

A VOCAÇÃO INTELECTUAL DO FILÓSOFO À LUZ DO HUMANISMO: UMA RETOMADA DAS CONCEPÇÕES DE JOÃO BATISTA LIBANIO

THE PHILOSOPHER'S INTELLECTUAL VOCATION IN THE LIGHT OF HUMANISM: A RETURN FOR JOÃO BATISTA LIBANIO CONCEPTS

Felipe Bezerra de Castro Oliveira*

RESUMO

Sob a luz do humanismo, a vocação denota uma experiência profunda de autorrealização, pois além de proporcionar o desabrochamento das potencialidades e capacidades humanas mais elevadas, ela também descodifica a missão do ser humano diante de si, dos outros e da transcendência. Para esclarecer o exposto, retomamos as concepções de vocação intelectual, marco referencial e senso crítico propostos por João Batista Libanio (1932-2014), com o objetivo de pontuar as suas implicações na atividade filosófica. No final, argumentamos que as meditações de autoconhecimento que conduzem à descoberta pessoal da vocação intelectual constituem uma questão central na vida de qualquer aspirante a filósofo. Como literatura acadêmica fundamental, utilizamos duas obras de J. B. Libanio, a saber, *A arte de formar-se* e *Introdução à vida intelectual*.

PALAVRAS-CHAVE: vocação intelectual; humanismo; marco referencial; senso crítico; autoconhecimento.

ABSTRACT

Under the light of humanism, the vocation denotes a deep experience of self-realization because, it brings out the most raised human potentialities and faculties, also decipher the human being mission towards itself, the others and the transcendence. In order to explain that, were turn to the concepts of intellectual vocation, referential mark and critical sense proposes by João Batista Libanio (1932-2014), with the purpose of indicating their implications on philosophical activity. In conclusion, we argue that the meditations of self-knowledge that leads the personal discovery of intellectual vocation constitutes a central question for any philosopher candidate. The fundamental academic literature that are two works of J. B. Libanio, *The art of made itself* and *Introduction to intellectual life*.

KEYWORDS: intellectual vocation; humanism; referential mark; critical sense; self-knowledge.

* Doutorando em filosofia pela UFRGS, com linha de pesquisa em filosofia crítica e social. Mestre em filosofia pela UFC. Graduado em filosofia pela UECE. E-mail: felipe.bezerra3000@bol.com.br.

INTRODUÇÃO

O teólogo brasileiro João Batista Libanio dedicou parte de sua vida intelectual para pensar o mundo contemporâneo à luz da fé cristã, predominando em sua abordagem a perspectiva da teologia fundamental e da reflexão crítica sobre a cultura¹. Nesse ínterim, J. B. Libanio construiu um grande legado como educador, deixando contribuições que deveriam ocupar maior espaço na história da pedagogia brasileira. Trata-se, aqui, de um referencial filosófico-educacional que reapresenta a sapiência das Ordens jesuíticas e dominicanas em nosso contexto, atualizando-as com os progressos filosóficos e científicos trazidos pela modernidade. Seja dito de passagem que, nesse campo de atuação, a experiência do padre jesuíta como professor de introdução aos estudos filosóficos e teológicos também contribuiu na construção de seu quadro de referências teóricas. Aliás, o grande diferencial de Libanio está na sua história pessoal de vida, que aliado à teologia da libertação, jamais se fez indiferente às desigualdades econômicas e injustiças sociais que assombram a história do Brasil².

Sob a luz do humanismo, pretendemos retomar as concepções de vocação intelectual, marco referencial e senso crítico propostos por J. B. Libanio, com o objetivo de pontuar as suas implicações na atividade filosófica. Valendo-nos de uma abordagem heurística, articularemos uma análise crítica desses conceitos-chave e, posteriormente, nós os utilizaremos para elaborar reflexões sobre a missão do filósofo e os dilemas que costumam surgir em sua vida³. Nessa tentativa de discutir alguns aspectos da vocação filosófica, buscamos, acima de tudo, colocar em evidência a relevância das concepções de Libanio para os debates filosóficos contemporâneos. Todavia, sustentamos que as meditações de autoconhecimento que conduzem à descoberta pessoal da vocação intelectual constituem uma questão central na vida de qualquer aspirante a filósofo.

¹ Tal perspectiva pode ser vista em: Libanio (2012a, p. 11). Aproveitamos este espaço para acrescentar que, segundo A. Murad (2014, p. 590-608), a produção teológica de Libanio também dispõe de três eixos metodológicos fundamentais: i) perspectiva dialética; ii) método genético-estrutural; iii) percepção heurística.

² É digno de nota referenciar a influência de Antonin-Dalmace Sertillanges e François Charmot na elaboração das concepções filosófico-educacionais de Libanio, tal como descrito pelo próprio autor em: Libanio (2014b, p. 13). Sobre a importância de sua experiência como professor e orientador de estudos, conferir Libanio (2014b, p. 14).

³ O seguinte trecho explica o método da *percepção heurística*: “Característica típica do pensamento de Libanio. Ao ler algum autor ou texto, ele não se contenta em reproduzi-lo ou citá-lo eruditamente. Vai muito além. Põe-se a pensar, a refletir e a escrever algo diferente, mas cuja inspiração, sugestão ou provocação vieram do texto lido. No final, já não se trata do texto ou do autor em questão, mas de reflexão pessoal, desencadeada, porém, por eles.” (MURAD, 2014, p. 596).

O PENSAMENTO DE J. B. LIBANIO SOBRE A VOCAÇÃO INTELECTUAL

Em nossa linha interpretativa, J. B. Libanio propõe um pensamento de conciliação entre a tradição e o progresso, no sentido de conjugar o humanismo cristão, de estrutura teocêntrica, e o humanismo iluminista moderno, de estrutura antropocêntrica. Nessa abordagem, projeta-se uma formação educacional comprometida tanto com a ampliação das qualidades humanas e religiosas quanto com o envolvimento prático na construção de um mundo melhor. Daí que a arte de formar-se seja definida como um “processo personalizado, motivado em vista da própria perfeição e do bem da sociedade” (LIBANIO, 2014a, p. 22). Partindo dessa chave de leitura⁴, podemos desenvolver um ponto de ancoragem conceitual em torno da noção de vocação intelectual. Pois bem, seja nos cursos em que ministrava⁵, seja na produção de sua obra teórica, Libanio gostava de iniciar a conceptualização de vocação distinguindo-a da profissão. A definição dessas duas concepções é bastante clara e distinta:

É conhecida a distinção entre profissão e vocação. Profissão denota preparação técnica, competência, eficiência produtiva, ganha-pão, função social, *status*, reconhecimento externo. Vocação, por sua vez, fala de decisão e realização pessoal, chamado interior, paixão, amor e gosto pelo que se faz. Alguém escolhe ser intelectual para encontrar um lugar na sociedade e assim manter-se a si e a outros. Ou alguém descobre que sua missão como ser humano, eventualmente como cristão e religioso, é dedicar-se de corpo e alma a exercer um trabalho intelectual. Em termos pastorais, usa-se a expressão apostolado intelectual. (LIBANIO, 2014b, p. 23).

A profissão, por si só, exige uma preparação técnico-científica, ou melhor, o desenvolvimento de algumas destrezas inerentes à atividade escolhida, de modo que o indivíduo adquira competência profissional e eficiência produtiva para o exercício de seu ofício. Nesse contexto, um professor seria, por exemplo, aquele indivíduo que foi credenciado com cursos, títulos e outros aparatos acadêmicos, isto é, que dedicou parte de sua vida para a aprendizagem das metodologias, técnicas, habilidades e conteúdos gerais de sua área de saber, com o fim de desempenhar a atividade docente. Todavia, quando se escolhe uma profissão apenas como meio para ganhar a vida, evita-se um caminho para a realização plena e natural

⁴ Nossa linha interpretativa continuará sendo desenvolvida no decorrer das páginas deste artigo. Por ora, destacamos que as seguintes passagens ajudam a sedimentar nosso ponto de vista. (LIBANIO, 2014a, p. 142-144, 153-154 e 237-240).

⁵ Ver o curso ministrado por Libanio na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) em 2012, *Vida intelectual: caminhos e pistas*. (LIBANIO, 2012b).

das capacidades e potencialidades humanas, portanto, a “expansão de nosso ser” (SERTILLANGES, 2010, p. 182).

A vocação, por sua vez, “se nutre de gratuidade, de motivação interior, de um ‘mais’ dentro de nós” (LIBANIO, 2014a, p. 97). O que faz um profissional se destacar na sua área de atuação é o acrescentamento deste “algo a mais” – *p. ex.*, esforços e conhecimentos extras – na sua profissão. Entretanto, isso só ocorre quando o profissional está desempenhando uma atividade dotada de sentido existencial. Nesse contexto, um professor apareceria como aquele indivíduo que, para além de suas competências técnico-científicas e profissionais, cumpre uma tarefa gratificante. Em outras palavras, a atividade docente “transformar-lhe-ia a vida de modo que o próprio exercício de professor, apesar do desgaste físico, lhe viria carregado do *eros* interior da experiência profunda de ser possuído por esta vocação” (LIBANIO, 1998, p. 42). Daí a felicidade de viver lucidamente e concretamente a própria vocação intelectual, pois tudo aquilo que amamos, estando afastado das maldades do mundo, nos engrandecem, isto é, expandem as dimensões mais profundas de nosso ser.

Agora que fizemos essa distinção, cumpre observar que “não há um corte rígido entre profissão e vocação” (LIBANIO, 2014b, p. 24), ou seja, “vocação e profissão não são duas coisas diferentes, mas duas dimensões diferentes da atividade humana com distintivos específicos” (LIBANIO, 2014a, p. 97-98). Estando pressuposta a vocação, a profissão se torna uma missão do mais alto valor a desempenhar. Não se trata, pois, de termos contraditórios, pois “a profissão ganha muito quando consegue despertar no profissional o sabor da vocação” (LIBANIO, 2014b, p. 24), embora a profissão esvaziada de vocação esteja fadada a se tornar um trabalho desprovido de envolvimento pessoal e existencial.

Fundamentado nas concepções de João Paulo II na Encíclica *Laborem exercens*, J. B. Libanio (1998, p. 41) chama atenção para a dimensão objetiva e subjetiva do trabalho: “O trabalho na sua dimensão objetiva visa a produzir, a transformar a realidade em benefício do ser humano”; já a “dimensão subjetiva do trabalho revela a face realizadora das potencialidades e subjetividade humanas”. Do ponto de vista da psicologia humanista, a vocação indica um processo de autodescoberta da própria identidade, de uma harmonia pessoal, trazendo a necessidade ineludível de autorrealização segundo nossas capacidades e potencialidades (LIBANIO, 1998, p. 34). Assim, quanto mais o trabalho tende a se tornar vocação, desenvolvendo a subjetividade humana mediante o aperfeiçoamento das faculdades intelectuais e sensoriais, tanto mais estabelecemos relações harmoniosas com o transcendente, com os semelhantes, com o mundo e com nós mesmos, transformando objetivamente a

realidade ao construir um convívio humano saudável (LIBANIO, 2014a, p. 22). Dito isso, vejamos as conclusões gerais de Libanio (2014b, p. 30) acerca da concepção de vocação intelectual:

A vocação pertence ao mundo da experiência profunda, da realização humana, da inspiração maior que bate em nosso coração. Situa-se ao lado do carisma. Uma vocação intelectual é verdadeiro carisma. E este existe fundamentalmente para o bem da comunidade, passando pela realização de seu portador. Na gratidão e na responsabilidade, quem sente essa vocação – como diz o próprio termo: *vocare*, “chamar” – é chamado por essa voz interior, eco da voz divina, para empenhar-se nas lides da inteligência.

Enquanto ignorarmos a voz interior que “está na origem de verdadeira vocação” (LIBANIO, 2014a, p. 96), deixando-nos controlar passivamente por um impulso obsessivo pelo dinheiro e pelo poder – interesses que permeiam o senso comum, profundamente intoxicado pelas “leis da competitividade, competência, eficácia e dos custos e benefícios” que perpetuam a existência de um mundo que “destrói as relações pessoais e engendra individualismo” (LIBANIO, 1998, p. 51) –, permaneceremos iguais ao dito cidadão respeitável que ganha quatro mil cruzeiros por mês da canção *Ouro de tolo*. Afinal de contas, o êxito no trabalho tem muito mais a ver com o aperfeiçoamento de nossa dimensão espiritual e psíquica, embora certa dimensão material, tais como reconhecimento, salário justo e desempenho excelente, também faça parte do “lado humano público necessário” (LIBANIO, 2014a, p. 96).

Assim sendo, a vocação denota uma experiência profunda de autorrealização, pois além de proporcionar o desabrochamento das potencialidades e capacidades humanas mais elevadas, ela também descodifica a missão do ser humano diante de si, dos outros e da transcendência. Para J. B. Libanio (2014b, p. 119-120), “aceitar e assumir a vocação intelectual significa empenhar-se responsabilmente na construção de si, dos irmãos, da sociedade, de um relacionamento novo e diferente com o cosmo e sobretudo realizar a vocação de fé”. A autoconsciência da vocação, pois, conduz-nos ao propósito maior de fazer-nos compartilhar com a humanidade as nossas melhores tendências para a beleza, a verdade, o bem e a transcendência⁶. “Se faz frio no coração dos homens e mulheres”, constata Libanio

⁶ J. B. Libanio (2014a, p. 173-174) enfatiza a importância desses quatro conceitos na formação educacional do indivíduo, pois eles orbitam as dimensões superiores do ser humano.

(1998, p. 54), “é, sem dúvida, porque o calor da participação e solidariedade com o irmão se esvaiu no individualismo solitário”⁷.

Pois bem, uma vez encontrado o núcleo interior que esconde as nossas potencialidades adormecidas, resta-nos dispor de todos os recursos materiais e intelectuais ao nosso alcance, com o intuito de aplicar grande parte de nossa força vital ao exercício tenaz de nossa vocação intelectual, aperfeiçoando-nos até o fim de nossa existência. Para tanto, faz-se necessário criar o hábito de fazer “pequenos programas e projetos de vida” (LIBANIO, 2014b, p. 282), tais como os descritos nas linhas abaixo.

Nos inícios da vida intelectual, o ideal é fazer um planejamento mais detalhado, com controle exato diário, semanal, mensal e semestral dos prazos, de modo que se vai tendo consciência do realismo dos próprios projetos. Quem sempre projeta muito mais do que consegue realizar necessita abaixar o facho da pretensão ou eliminar os fatores que o impedem de cumprir o projeto. E, vice-versa, quem facilmente dá conta do projeto e tem ainda tempo de sobra, aumente então as próprias exigências. (LIBANIO, 2014b, p. 62).

O intelectual, portanto, deve aprender a conjugar realisticamente objetivos e meios, isto é, a desenvolver uma atitude realista e criativa em relação às suas capacidades e recursos disponíveis, mas também às suas dificuldades, seja interiores, seja exteriores. Contudo, sem temperos de utopia e de superação de si (LIBANIO, 2014b, p. 64), tampouco realizam-se projetos grandiosos na vida. Nessa linha, “os retiros espirituais e as metodologias que favoreçam a elaboração do projeto de vida” (MURAD, 2014, p. 600) são de suma importância para uma orientação vocacional radicalmente avessa ao pessimismo derrotista, por si só, um sentimento gerador de impotência e imobilismo.

Visitando as concepções de R. Corbisier (1990, p. 201) apresentadas no primeiro tomo de sua *Introdução à filosofia*, distinguimos três espécies de projetos: I) de longo prazo, cujo exemplo principal é a realização de uma carreira profissional; II) de médio prazo, tais como a programação das viagens, o aproveitamento das férias; III) de curto prazo, relacionado às atividades diversas do cotidiano, por isso essenciais à arte de viver, tais como o relacionamento saudável com a família, a visita aos amigos, o contato com a natureza, a

⁷ Nessa altura, importa deixar claro que não vislumbramos força probativa suficiente para sustentar se a vocação provém mais das inclinações naturais do indivíduo, das condições sociais de existência ou mesmo de uma fonte divina. Todavia, sinalizamos positivamente para a hipótese de que as relações econômicas e sociais constituem fatores condicionantes de peso, seja no atrofiamiento ou desenvolvimento da vocação intelectual, o que não exclui a possibilidade do sujeito humano autodeterminante, capaz de fazer escolhas e de dirigir a própria vida. Daí um projeto histórico pertinente para a humanidade: subverter todas as condições sub-humanas de existência que impedem o pleno desenvolvimento das faculdades intelectuais e sensoriais.

apreciação das belas-artes em suas múltiplas expressões (música, cinema, literatura, etc.), a vivência religiosa, a prática de esportes e de ginástica, etc. Para o cultivo de uma vida intelectual como um todo, segue-se uma regra fundamental: “Cansaço físico pede repouso. Cansaço psíquico pede exercício físico.” (LIBANIO, 2014b, p. 131). Vale lembrar que grandes paradigmas da sabedoria antiga, a exemplo de Aristóteles e Sto. Tomás de Aquino, chamavam a atenção para os cuidados do corpo e da alma, pois a boa compleição do corpo responde à nobreza da alma (SERTILLANGES, 2010, p. 42).

Além disso, o critério fundamental para o planejamento da vida intelectual pode ser encontrado na seguinte fórmula: “a questão do tempo é uma questão de prioridade” (LIBANIO, 2014b, p. 57). Quer isto dizer que só temos tempo para aquilo que priorizamos, portanto, para as atividades que dão sentido à nossa vida. Nessa ótica, torna-se inevitável esquematizar, segundo os critérios da vocação intelectual, os graus de valoração que damos às coisas ao nosso redor, pois são imprescindíveis para organizar a vida de maneira sábia e saudável. Recordamos, aqui, a dica de A.-D. Sertillanges (2010, p. 73): “Tudo deve alimentar nossa especialidade.” Portanto, a autodescoberta da vocação intelectual, por um lado, afastamos de atitudes vacilantes que nos desviam de nosso projeto existencial de vida e, por outro, aproxima-nos de uma motivação forte, entusiasmante, capaz de renovar as nossas energias para o enfrentamento de um longo e árduo caminho em direção à autorrealização. Consoante J. B. Libanio (2014a, p. 290): “Educar-se é fazer-se uma imagem ideal de si e pôr-se a esculpi-la em si mesmo na dura labuta da vida a fim de unir o sonhado e o realizado.”

Em síntese, a perspectiva libaniana se contrapõe radicalmente à noção de que a vocação é uma concepção apologética do sistema capitalista neoliberal, utilizada para argumentar que existem seres humanos melhores que outros, assim como ocultar as desigualdades sociais, justificando-as ideologicamente. Em oposição a essa linha interpretativa, mostramos que uma filosofia da educação comprometida com a formação de uma personalidade voltada para o exercício da vocação intelectual tem como propósito intrínseco criar um “humanismo em que o ser humano se entenda numa relação com todo o cosmos e em que se coloque numa posição mais humilde de uma melodia – embora original e maravilhosa – na sinfonia do Universo” (LIBANIO, 2014a, p. 145). Nessa jornada em direção à realização pessoal e profissional, o sujeito se subleva contra os fatores contingenciais que tendem a depreciar certos trabalhos (intelectuais ou manuais) mediante remunerações baixas e

esvaziamentos de prestígio social, lançando-se sempre em projetos repletos de esperança e utopia⁸. Daí que escolher uma profissão em função de suas habilidades, aptidões, interesses, gostos pessoais – numa palavra, “vocação” –, recusando-se a passar toda a trajetória existencial desempenhando algum trabalho que lhe desagrade, constitua um ato de subversão.

A VOCAÇÃO INTELECTUAL DO FILÓSOFO À LUZ DO HUMANISMO

Um dos erros mais fatais da vivência filosófica é não exercitar, nos anos iniciais da vida intelectual, a lição socrática do autoconhecimento. Exigem-se, aqui, profundas meditações a respeito de nós mesmos, capazes de decodificar os nossos sonhos, aspirações e capacidades, assim como nossas angústias e inquietações, mas também nossa situação histórico-existencial: de onde vim, para onde vou, onde estou? Ora, se passarmos toda a trajetória existencial de vida conhecendo menos da metade de nossa personalidade, além de não explorarmos adequadamente as nossas potencialidades e capacidades, provavelmente deixaremos grande parte de nossa vocação intelectual enterrada no âmago de nosso ser, sem jamais compartilhar com o mundo aquilo que existe de mais sublime em nosso espírito⁹.

Desde Sócrates – e a psicologia moderna está aí para endossar algumas velhas fórmulas já valorizadas pela ancianidade –, sabe-se que uma profunda e sincera meditação acerca da própria história pessoal de vida é capaz de ampliar os nossos horizontes existenciais e, por isso, iluminar novos sentidos para a nossa vida. Porém, se não avaliamos honestamente nossos êxitos e fracassos, talentos e dificuldades, dando preferência a um mundo de aparências e ilusões, nada disso é possível. “O conhece-te a ti mesmo de Sócrates”, escreve Sertillanges (2010, p. 180), “não é apenas a chave da moral, é a de toda vocação, já que ser chamado para algo é ver-se designar um caminho só seu, na imensidão da trajetória humana.” Numa palavra, a vocação emana de uma experiência profunda de autoconhecimento. Segue-

⁸ Um grande pedagogo brasileiro exemplificou bem o verdadeiro sentido da vocação: “[...] é esta força misteriosa, às vezes chamada vocação, que explica a quase devoção com que a grande maioria do magistério nele permanece, apesar da imoralidade dos salários. E não apenas permanece, mas cumpre, como pode, seu dever. Amorosamente, acrescento.” (FREIRE, 2019, p. 139).

⁹ Cabem, aqui, alguns excertos libanianos: “A vocação intelectual participa da construção do universo. O espírito é o último elo de uma evolução. Ao atuar essa dimensão, o ser humano realiza aquilo que o distingue dos outros seres. Como espírito, é único e singular na sinfonia da criação. Ao longo da história, a verdade o tem fascinado e o tem provocado a incessante busca. Inserir-se nessa aventura é altamente gratificante” (LIBANIO, 2014b, p. 23).

se, então, uma questão fundamental: qual é o *telos* que pretendo alcançar ao dedicar uma vida toda ao estudo da filosofia?

Praticar a atividade filosófica não só como profissão, mas sobretudo como vocação, implica reconhecer conscientemente a centralidade da filosofia na nossa vida intelectual. O que está em jogo é que, a partir do momento em que fazemos essa escolha, geramos sentido a uma dimensão profunda de nossa existência. Por conseguinte, segue-se que, no contexto da filosofia, a finalidade da vocação é fazer-nos viver intensamente o que existe de mais profundo em nós mesmos: a arte de filosofar. Se, no decorrer de nossa vida, caminarmos nessa direção, devemos presumir, no mínimo, que a atividade filosófica vem acompanhada de um *eros* interior.

Ora, se não dispomos de motivações que nos façam sentir gosto e prazer pelas atividades teóricas e praxiológicas inerentes à filosofia, tampouco estaremos perto de exercer uma vocação intelectual de natureza filosófica. Afinal, o desenvolvimento da capacidade de reflexão filosófica exige muito mais esforço pessoal, mediante um trabalho intelectual contínuo e de empenho metódico, do que uma suposta genialidade inata¹⁰. Vislumbramos, aqui, uma pista interessante, a saber, que a vocação filosófica pode ser medida segundo os graus de amorosidade com que nos dedicamos à filosofia. Quais são, pois, os ambientes que melhor condicionam o desenvolvimento das habilidades e conhecimentos necessários para o exercício da ocupação filosófica?

A partir do surgimento da pesquisa filosófica institucionalizada no Brasil, por volta de 1958, no Departamento de Filosofia da USP, logo após uma fase preparatória em que ele foi ocupado pelas Missões Francesas entre 1934 e 1957 (MARGUTTI, 2014, p. 397), o horizonte cultural brasileiro dispôs de um espaço público favorável para a realização de estudos sistemáticos da filosofia. Vista desse ângulo, a universidade dispõe de todas as condições para fazermos discussões filosóficas de alto nível, evitando amadorismos filosofantes e intelectualismos superficiais. Por conta disso, a despeito de todos os problemas que giram em torno das universidades brasileiras, cuja atenção a alguns reservamos para o final deste tópico, consideramos que o mundo acadêmico constitui, atualmente, o melhor ponto de partida para a formação filosófica.

De nossa parte, o nível de graduação é visto como uma etapa de formação propedêutica e de preparação pedagógica. Nessa fase da vida intelectual, a preocupação maior

¹⁰ Esse também é o ponto de vista de Libanio (2014b, p. 28 e 286) para as atividades intelectuais em geral.

gira em torno de construir um marco referencial abrangente e diversificado, sem o qual se torna improvável a iniciativa filosófica. Uma das primeiras tarefas do aspirante a filósofo consiste, pois, em iniciar a confecção das linhas mestras de seu pensamento. Para Libanio (2014b, p. 45-46), as áreas do saber que ensinam por excelência a arte de pensar são a filosofia, a literatura, as humanidades, de modo que a cultura da leitura e do estudo representa uma importante via de iniciação à filosofia. Visitando o pensamento de Sertillanges (2010, p. 124-127), identificamos na concepção de “leitura fundamental” alguns critérios para começarmos a desenvolver um marco referencial inicial e provisório. Adiante, faremos uma leitura libaniana dessa concepção.

Segundo entendemos, as leituras fundamentais têm como fim auxiliar no amadurecimento intelectual da personalidade. Num primeiro momento, busca-se certo nível de erudição, uma ampliação dos horizontes da inteligência, de modo que se crie uma abertura intelectual para além das disciplinas científicas de nossa especialidade. Para Libanio, quanto mais amplidão cultural e visão de conjunto se desenvolve, tanto mais lúcidos somos, pois a lucidez exige um marco referencial capaz de articular uma compreensão que considere o máximo possível as várias facetas da realidade, interpretando-as com os subsídios que a história, a filosofia, a psicologia, a sociologia e as ciências em geral oferecem (LIBANIO, 2014a, p. 240). Enquanto a especialização, de estrutura cartesiana, faz a análise, que dá clareza, profundidade e rigor ao pensamento, a formação cultural geral, de viés pascaliano, visa à síntese, que situa, relaciona, organiza o pensamento (LIBANIO, 2014a, p. 48-49 e 79).

Num segundo momento, pretende-se uma triagem bibliográfica, com vistas tanto aos grandes espíritos do passado e do presente que sentimos compatibilidade de ideias quanto aos clássicos da cultura universal que “abordam problemas humanos em tal nível de profundidade que ultrapassam o tempo e a geografia de suas obras” (LIBANIO, 2014b, p. 39). Tal ponto de vista parece denotar um traço da cultura romana, a saber, uma formação educacional em vista do *virii illustres*, exemplos dignos de imitação, seres humanos que serviam como modelo ideal de vida para as gerações mais novas (LIBANIO, 2014a, p. 116 e 290-291). Aprender a selecionar as leituras fundamentais e edificantes oferece, pois, um norte para quem se encontra com a mente desorientada frente a um entulhado de saberes.

Cumprindo esta etapa formativa, temos o nível da pós-graduação, quando presume-se um encaminhamento para a elaboração das próprias ideias filosóficas e articulação de confrontos teórico-críticos com outros pensadores. Pois bem, sabendo que a arte de filosofar manifesta-se de diversas formas, “ora sob a forma de compreensões súbitas, por fim

convertidas em aforismos e provérbios, ora em meditações imaginativas transfiguradas em poemas e parábolas” (VITA, 1965, p. 17), e assim por diante, devemos deixar claro que, neste artigo, miramos apenas alguns pontos básicos de um pensamento que aspira certo perfil sistemático. Começaremos nossa análise pela concepção de marco referencial, que em nossa linha interpretativa, aponta para um caráter sistematizante da filosofia, presente nela desde os tempos da metafísica clássica.

Todos têm um horizonte, quadro ou marco geral de referência, espécie de varal teórico, que se vai construindo ao longo dos estudos e da formação. O marco referencial é o resultado da organização das experiências, teorias, reflexões, ideias, dos pontos de vista, práticas, valores que alguém vai acumulando durante sua história humana. O marco referencial se constitui de experiências, vivências, que cada vez mais se tornam critério de intelecção e decisão. É muito mais que o aspecto simplesmente teórico e cognitivo. Qualquer novo conteúdo, ou experiência, é referido a ele, para ser entendido, integrado, sistematizado. A verdadeira assimilação consiste na integração do novo elemento a esse marco referencial global da pessoa. (LIBANIO, 2014b, p. 126).

De um ângulo, o marco referencial dispõe de alguns traços parecidos com a noção de cosmovisão, remetendo a uma suposta tarefa mundividente da filosofia. Temos, assim, uma pretensão originária da filosofia de desenvolver uma compreensão totalizante da realidade, de modo que o marco referencial deve auxiliar o teórico em filosofia na tarefa de elaborar concepções de ser humano, de mundo, etc., promovendo a axiogênese¹¹ – gestação de valores que visam ser assimilados na cultura material e intelectual. Está implícita, aqui, uma perspectiva evolucionista, histórica e dialética (LIBANIO, 2014b, p. 94), na qual a filosofia aparece como o esforço milenar da humanidade empenhada em captar o sentido e a inteligibilidade do real. Para tanto, exige-se uma dedicação de parte significativa da existência ao silêncio e à tranquilidade (LIBANIO, 2014b, p. 38) necessários para o lídimo filosofar. Do contrário, caímos numa sistematização apressada, rígida, mal-acabada¹².

De outro ângulo, o marco referencial apropria-se dos dados do objeto, de modo que novos conteúdos e experiências são referidos a ele para ser assimilado, entendido, integrado, sistematizado; por sua vez, os dados modificam o marco teórico, obrigando-o a contínuas revisões (LIBANIO, 2014b, p. 224-225). Nessa abordagem, a reflexão filosófica vai se tornando uma atividade essencialmente crítica, pois é justamente na superação do nível

¹¹ Sobre o conceito de “axiogênese”, ver: Vaz (1992, p. 157).

¹² Além de J. B. Libanio, nossas reflexões se embasaram também em autores como L. W. Vita (1965), Lima Vaz (1992) e M. Oliveira (1987).

espontâneo do pensamento, imediato, emergido de senso comum, que alcançamos o nível reflexo, mediado, racional, capaz de articular conhecimentos válidos, verdadeiros ou prováveis a respeito do mundo (LIBANIO, 2014b, p. 35). A concepção de senso crítico ajuda-nos a ilustrar melhor a natureza crítica da filosofia.

Como atitude fundamental, o senso crítico quer ser um esforço para superar as primeiras impressões, o óbvio, o imediato, o visivelmente aparente, indo às raízes da realidade. Permite que se conheçam os pressupostos, o jogo ideológico, os interesses escondidos nas afirmações, nas atitudes e nos comportamentos dos outros. (LIBANIO, 2014b, p. 90).

Com o advento do iluminismo na modernidade, a humanidade dispôs de uma poderosa força de emancipação jamais antes presenciada na história, tornando-se capaz de se sublevar contra todas as instâncias que ousem diminuir a autonomia da razão humana. Em termos libanianos, o sujeito humano impulsionou enormemente a capacidade de senso crítico, isto é, o hábito de julgar o imaginário social tradicional segundo os critérios do tribunal da razão, jamais se deixando ajoelhar ao autoritarismo cego, naquela época simbolizada pelo poder divino dos reis sob a forma do “Estado absolutista, lei natural” (LIBANIO, 1998, p. 20) e tantas outras formas de tradição irrefletida que pisavam na garganta da razão crítica¹³. Não por acaso, Libanio (2014b, p. 90) chega a afirmar que “o senso crítico adquiriu na idade moderna uma qualidade tão nova que pode ser considerada um atributo da modernidade”.

Todavia, sabemos que no mundo contemporâneo reina a razão instrumental (LIBANIO, 2014a, p. 27), cuja proposta é nada menos que uma justificativa ideológica “do individualismo como suprema afirmação do eu, não na dignidade de toda pessoa humana, mas na afirmação dos interesses dos poderosos” (LIBANIO, 2014a, p. 257). Nesse contexto, o senso crítico aparece como o fermento que faz a vida intelectual se tornar um contínuo estado de vigilância diante da cultura alienante, dos *slogans* rápidos e repetitivos propagados aos quatro ventos pela *mass media* em geral (LIBANIO, 2014b, p. 98). É por causa dessa importante dimensão filosófica do senso crítico, portanto, que fazemos coro à seguinte proposição: “A vocação intelectual é ser farol aceso na noite longa de uma cultura da sensação, do prazer imediato, do marketing barato, das emoções violentas, do im-pensar continuado, do rodopio frenético da informação.” (LIBANIO, 2014b, p. 98).

¹³ Para mais detalhes sobre a perspectiva libaniana da modernidade, sugerimos a leitura do tópico “Contexto sociocultural da gênese do senso crítico” presente em *Introdução à vida intelectual*. (LIBANIO, 2014b, p. 90-92).

Uma vez que a postura que temos diante da morte traduz o sentido que damos à nossa vida¹⁴, impõe-se uma questão fundamental para a vida filosófica e religiosa: o quanto estamos dispostos a morrer pela verdade e pela liberdade? Afinal, Jesus de Nazaré foi crucificado, Sócrates tomou a cicuta, Hipátia de Alexandria assassinada por uma multidão, enfim, inúmeras personalidades ilustres foram mortas de diferentes maneiras, além, é claro, de muitas outras terem sofrido torturas, perseguições e difamações promovidas pelas forças de dominação de seu tempo, obrigando-as a fazerem renúncias incalculáveis em suas vidas. “Os escritores às vezes são vítimas de injustiças”, observa F. Charmot (1944, p. 55), “são condenados sem terem sido ou tendo sido lidos apenas às pressas e pela metade.” Portanto, se o filósofo aspira desenvolver projetos grandiosos, ele precisa primeiro criar coragem para pensar o real e arcar com as consequências de suas conclusões e hipóteses, por mais que elas incomodem o senso comum e os interesses de dominação. Nesse enfoque, a filosofia tem o intuito não só de articular uma crítica radical ao universo estabelecido do discurso e da ação, mas também de promover a vivência filosófica dos próprios valores e causas.

Partindo dessa perspectiva, sustentamos, assim como M. Oliveira (1995, p. 169), que uma das tarefas fundamentais da filosofia consiste em conduzir a humanidade à razão, no sentido de que a caminhada do pensar especulativo na história é uma busca pela verdade¹⁵, e à liberdade, com vista a promover condições para que as mulheres, homens e crianças de todo o mundo tenham acesso aos bens (naturais, sociais e culturais) essenciais à vida digna e feliz. No primeiro movimento, teórico, pressupomos que, se pensamos e agimos racionalmente, encontramos mais chances de fazer progredir os graus de verdade do conhecimento objetivo, ao passo que se pensarmos e agirmos irracionalmente estaremos propensos a obter pensamentos falsos e inválidos. No segundo, prático, acolhemos os princípios do humanismo, cujo propósito maior é salvaguardar a dignidade da pessoa humana diante das forças de dominação que a ameaçam. Daí mantermos altas expectativas na concepção de que “a base filosófica do humanismo define-se nesse espaço ontológico em que ele se abre, pela Razão e pela Liberdade, à universalidade do Ser enquanto tal, coroada pela afirmação de Deus como Existente absoluto” (VAZ, 2001, p. 163).

Importa, agora, defender uma proposição que nos parece autoevidente: a “filosofia se propõe a pensar a realidade, fazendo passar ao nível conceitual, ao nível teórico, ao nível da

¹⁴ Ver, por exemplo, o que é dito em Betto (2020, p. 138).

¹⁵ Segundo entendemos, essa linha de pensamento não contradiz as reflexões de Libanio (2014a, p. 161-164) sobre o conceito de verdade.

intelecção explícita, ao nível do sentido mais profundo, a realidade humana em sua complexidade” (LIBANIO, 2014b, p. 52). Ampliar o foco da investigação filosófica sobre o mundo contemporâneo faz-se mais do que urgente, dado que a falta de uma aproximação teórico-prática com a realidade pode acarretar um pensamento legitimador e referendador compatível com uma cultura filosófica dogmática e autoritária¹⁶. Não é à toa que Libanio (2014a, p. 73) critica, à sua moda, o fenômeno da hiperespecialização – modelo de formação universitária que permeia o mundo acadêmico em geral, responsável por diluir o conhecimento em infinitos elementos dispersos –, cuja manifestação aparece nos cursos de filosofia de forma mais latente nos trabalhos intelectuais que seguem a fórmula “o conceito X na obra Y do autor Z”¹⁷. Prioriza-se, aqui, a exegese puramente estrutural de textos em detrimento de um enfoque filosófico acerca de qualquer assunto ou problema¹⁸.

Ora, consideramos que as publicações de filosofia são atividades que podem trazer contribuições valiosas para a vida filosófica, porém, numa acepção diferente de algumas tendências atuais. Como argumento central, sustentamos que escrever textos promove certa iniciativa filosófica ao fazer-nos pensar, por conta própria, sobre as experiências básicas da condição humana, a exemplo de sentimentos nobres como a bondade, o amor, a solidariedade, a beleza, e concepções filosóficas como o progresso, a razão, a liberdade, mas também as dores do mundo, como a angústia, a morte, a injustiça, o ódio, a barbárie. Nessa tentativa de explicar a nós mesmos, nossos semelhantes, o mundo e a transcendência, ou seja, buscando dotar de sentido os objetos ao nosso redor, exploramos ao máximo possível as nossas faculdades intelectuais, muitas vezes gerando mais fruto que anos de rumações em torno de um texto filosófico. Acrescentamos, no entanto, que “para escrever, é preciso também presença de alma; é preciso coração, é preciso o homem inteiro: é preciso estar presente para si mesmo” (GRATRY, 2019, p. 16). Posto isso, indagamos: será que o marco referencial do acadêmico brasileiro de filosofia deve servir apenas para fazer comentários e interpretações de textos? Estamos usufruindo todas as nossas capacidades e potencialidades?

Atualmente, estamos diante de uma crise civilizacional sem precedentes. Nesse cenário em que muitas pessoas parecem paralisadas criticamente por não conseguirem filtrar a avalanche de informações da *mass media*, faz-se necessário repensar alguns dilemas que

¹⁶ Trata-se, aqui, de um ponto ressaltado por A. J. Severino (2002, p. 275).

¹⁷ Vale a pena conferir a crítica recente que J. K. Aquino (2020, p. 167) fez desse modelo de pesquisa filosófica.

¹⁸ De acordo com Margutti (2014, p. 399): “[...] muitas e muitas vocações filosóficas autênticas podem ter sido ceifadas dessa maneira. Por esse motivo, a questão que se coloca é a de saber se o que tem sido feito até agora é suficiente em termos de atividade filosófica para um país como o Brasil”.

circundam a atividade filosófica, sobretudo na situação presente, em que crenças falsas e perversas disseminadas por simpatizantes de assassinos e torturadores orbitam o panorama público aceitável. Sendo assim, perguntar se o nosso modo de fazer filosofia está contribuindo para o trabalho de esclarecimento e emancipação do povo brasileiro, no sentido de honrar os valores democráticos de uma sociedade livre, justa e solidária, deve começar a se tornar uma questão cada vez mais pertinente em nossos estudos e reflexões. Formulando a questão de um modo mais geral, pensamos que os filósofos devem se inserir mais ativamente entre as forças criadoras de cultura, deixando a sua vocação intelectual se externalizar em pensamentos e ações. Ora, se não exercermos as nossas atividades filosóficas com a máxima presença de espírito, tampouco cumpriremos a nossa missão como ser humano no cosmos. Com efeito, ficaremos devendo à sociedade brasileira uma compreensão filosófica de si mesma e do mundo, deixando-lhe esvaziada de um importante referencial para a reflexão crítica dos valores materiais que alimentam a vida e dos valores espirituais que exprimem as razões de viver, como dizia Lima Vaz (1992, p. 157).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vocação intelectual emana de uma experiência profunda de autoconhecimento. Nessa abordagem, busca-se, por um lado, incentivar um processo de autodescoberta das potencialidades e capacidades mais elevadas escondidas no âmago de nosso ser, por outro, indicar um ponto de partida para iniciarmos o desenvolvimento de certa disciplina interior (motivação inspiradora) e exterior (exercício tenaz), consideradas por J. B. Libanio leis da conduta humana que ninguém consegue saltar caso pretenda desabrochar a vocação intelectual. Trata-se, pois, de uma boa via para começarmos a pensar se estamos ou não nos dedicando de corpo e alma a uma determinada carreira profissional. Para a filosofia, tais perspectivas podem trazer consequências radicais, pois elas fazem com que os filósofos ou filósofas, por meio das meditações de autoconhecimento, se defrontem com uma questão central da vida filosófica: quando eu estou exercendo o lúdico filosofar sinto que estou realizando as dimensões mais profundas do meu ser?

À luz de uma visão humanista da filosofia, tentamos demonstrar que a arte da leitura e da escrita, assim como o hábito de fazer-se presente no jogo do universo material e moral¹⁹,

¹⁹ Utilizamos, aqui, uma terminologia de A.-D. Sertillanges (2010, p. 70).

constituem atividades centrais para o máximo aproveitamento de nossas capacidades e potencialidades, ou, melhor dizendo, de nossa vocação intelectual. Apontamos, basicamente, para algumas atitudes fundamentais que contribuem não só na construção de um marco referencial capaz de articular uma modalidade de conhecimento filosófico, como também no cultivo do senso crítico necessário para não nos mostrarmos indiferentes aos problemas que assombram o mundo contemporâneo. Qualquer que seja o caráter discutível dessa perspectiva geral, consideramos inegável a relevância das concepções de Libanio para os debates filosóficos contemporâneos.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, John Karley de Sousa. Narcisismo às avessas e a nossa filosofia brasileira. **Modernos & Contemporâneos**, Campinas, v. 4, n. 8, p. 164-179, jan.-jun., 2020.
- BETTO, Frei. **O diabo na corte**: leitura crítica do Brasil atual. São Paulo: Cortez, 2020.
- CHARMOT, François. **A estrada real da inteligência**: estudos sobre a educação intelectual e o valor das disciplinas fundamentais do curso secundário. Tradução de Carlos Galvez. Porto Alegre: Globo, 1944.
- CORBISIER, Roland. **Introdução à filosofia**. Tomo I. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 61. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- LIBANIO, João Batista. **A arte de formar-se**. 7. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014a.
- LIBANIO, João Batista. Acolhi a vida como um dom. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, ano XII, n. 394, p. 7-12, maio 2012.
- LIBANIO, João Batista. **Introdução à vida intelectual**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014b.
- LIBANIO, João Batista. Vida intelectual: caminhos e pistas. **Curso Faje e Loyola**. Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <http://www.jbllibanio.org.br/182i7753P82i80862g2y>. Acesso em 20 jan. 2022.
- LIBANIO, João Batista; HENGERMÜLE, Edgard. **Mística e missão do professor**. 3. ed. Texto de J. B. Libanio; roteiros de E. Hengemüle. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- MARGUTTI, Paulo. Sobre a nossa tradição exegética e a necessidade de uma reavaliação do ensino de Filosofia no País. **Kriterion**, Belo Horizonte, n. 129, p. 397-410, jun. 2014.

MURAD, Afonso. Libanio, o teólogo que pensou sobre/com a juventude. **Atualidade Teológica**, Rio de Janeiro, v. 48, p. 590-608, set.-dez., 2014.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **A filosofia na crise da modernidade**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. Conhecimento e historicidade. **Síntese Nova Fase**, Belo Horizonte, v. 14, n. 40, p.33-107, fev., 1987.

SERTILLANGES, A.-D. **A vida intelectual**: seu espírito, suas condições, seus métodos. Tradução de Lilia Ledon da Silva. São Paulo: É Realizações, 2010.

SEVERINO, Antônio Joaquim. A filosofia da educação no Brasil: esboço de uma trajetória. In: GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo (org.). **O que é filosofia da educação?** 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: DP&A Editora Ltda, 2002. p. 265-326.

VAZ, Henrique de Lima. A cultura e seus fins. **Síntese Nova Fase**, Belo Horizonte, v. 19, n. 57, p. 149-159, 1992.

VAZ, Henrique de Lima. Humanismo hoje: tradição e missão. **Síntese Nova Fase**, Belo Horizonte, v. 28, n. 91, p. 157-168, 2001.

VITA, Luís Washington. **Que é filosofia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1965.